

# Cabra macho não, senhor!

*Histórias de mulheres que provam sua força e capacidade no setor madeireiro dominado por homens*

TEXTO: RONY ALVES DE RAMOS

**D**escascar toras gigantes usando uma espécie de machado debaixo do sol da linha do Equador no horário de almoço. Serrar à mão toras de mais de um metro de diâmetro. Carregar tábuas espessas, de quatro, cinco metros de comprimento, de quase 50 quilos, durante horas seguidas. Operar máquinas e serras. Trabalho pesado e que parece nada fácil de executar, certo? Mas quem pensa que a rotina das serrarias da região amazônica é só coisa pra macho, se engana. “Menino, se a motosserra estiver bem afiada, pode inventar pau pra eu cortar... Depois do dia que comecei a trabalhar em serraria, eu nunca mais parei. Sou mestre na função.” E quem conhece Nenê confirma: é mestre na função mesmo e com uma disposição de dar inveja.

O sol escaldante das 11h parece não ser a maior dificuldade para o trabalho dela. Os golpes certos e a facilidade com que executa a tarefa revelam a habilidade para descascar toras. Volta e meia, a serenidade do sem-

blante da paranaense que deixou o Sul ao lado dos pais e dos sete irmãos há quase trinta anos para tentar a vida em Rondônia se transforma em expressão de força e luta contra os troncos. Aos 40 anos, mãe de três filhos, avó de duas netas, ela realiza todas as funções pesadas da serraria e garante: “Eu gosto muito do que faço”.

Produção maior na madeireira é igual a lucro maior para a operária. Para somar 700 reais no final do mês e garantir o sustento da casa, Nenê sua rotina na serraria que parece inacreditável. Ela acorda às duas da madrugada, faz os serviços de casa e prepara o almoço. O trabalho de descascar toras inicia às 4h e vai até às 6:30h, quando pára e toma café. Às 7h, a serraria começa a funcionar. Nenê não tem função fixa. “Pode pedir qualquer coisa que ela faz e melhor que muito cabra macho”, explica o patrão. O almoço é às 11h. Minutos depois, Nenê volta ao pátio da serraria para descascar mais toras ao lado do cunhado. “Nós dois levamos jeito e já

estamos acostumados. O serviço rende.” Eles descascam em média seis toras por hora. Das 13h às 18h, retoma a função na serraria com uma pequena parada para o lanche. Muitas vezes, precisa fazer horas extras que vão até às 21 h, quando, finalmente, termina seu dia e descansa.

Nenê tem uma história parecida com a da maioria dos operários das indústrias madeireiras do Norte do Brasil. São filhos de migrantes que foram buscar sonhos em terras desconhecidas. Sofreram. Poucos realizaram seus sonhos. “Meu pai morreu de tanto trabalhar”, diz com o olhar marejado, fitando o retrato dos pais emoldurado na sala de casa. Quando soube que iria mudar para Rondônia entrou em desespero. “Tinha 13 anos. Implorava e chorava para meu pai não ir. Pensei em fugir no dia da viagem”, lembra. O compadre já tinha vindo na frente e deu o sinal verde para a família de Nenê, que ganhara um pedaço de terra no estado longínquo. O choque cultural foi inevitável. Ela recorda a dificuldade de convivência e as diferenças de educação com as quais passou a conviver. Trabalhou na roça ao lado dos irmãos. A vida era difícil e a saudade do Sul, enorme.

Aos 15 anos, fugiu com o namorado seringueiro para a mata em busca da borracha. “Ele ia na frente e eu, atrás. Morava nos acampamentos com a família dele. Comia carne de bicho com farinha e dormia na rede. Quando ficava sozinha, me cobria com uma lona com medo das onças.” Nenê não consegue contar quantas malárias já teve. Mas lembra muito bem de quando seu filho mais velho adoeceu na floresta com malária. “Ele ia morrer. Falei para meu marido que queria sair dali para salvar o menino.” Ela e o esposo, mesmo receosos, voltaram

*Nenê descascando toras: trabalho pesado*



para a casa da família de Nenê. “Meu pai chegou a dar queixa na polícia quando fugi. Mas depois tudo se resolveu. O único desejo dele era que a gente casasse na igreja.” O tempo passou, veio o casamento e duas mudanças de cidade acompanhando os irmãos. “Onde o pai ia, nós filhos íamos junto”. O pai faleceu aos 78 anos. Hoje, os irmãos ainda moram perto um do outro e cuidam da mãe.

Depois que abandonou o seringal, Nenê trabalhou por muitos anos como empregada doméstica, e o marido, como cobrador de ônibus. “Mas ele parece índio, adora o mato. Arrumou emprego na serraria para ficar perto da floresta novamente. Às vezes, ele sai e não sei quando volta. Não posso contar com ele para pagar as contas, não”, reclama. Há quatro anos, ela começou a trabalhar no beneficiamento de madeira, numa fábrica de cabos de vassoura. Ficou pouco tempo, achou o serviço monótono e logo se iniciou nas funções geralmente ocupadas por homens nas madeireiras.

Os filhos já são adultos. O mais velho, de 24 anos, mora com a mãe e também é funcionário na mesma serraria. A esposa adolescente está nas últimas semanas da gestação do primeiro filho do casal. A filha Elismar, de 23 anos, engravidou aos 14. E logo depois teve a segunda filha. Hoje, mora e estuda na capital Porto Velho. Trabalha como babá, está concluindo a oitava série e faz cursos profissionalizantes. O caçula de Nenê presta serviço militar. A casa de três cômodos da família fica em frente à serraria, exposta ao barulho e à fumaça constantes. A construção de madeira não tem água encanada nem banheiro interno. A família usa uma latrina nos fundos do quintal ao lado do poço artesiano. Para os banhos, há um espaço cercado por tábuas, sem porta, e um balcão para acomodar os baldes que servem de chuveiro. “Agora devemos acabar nosso banheiro. Dentro de casa é melhor, né?”, diz com o olhar envergonhado.

Nenê está em casa preparando o almoço no mesmo horário da maioria das donas-de-casa do país. É um dia atípico na rotina dela. Seu olhar é doentio e as fortes dores na coluna são

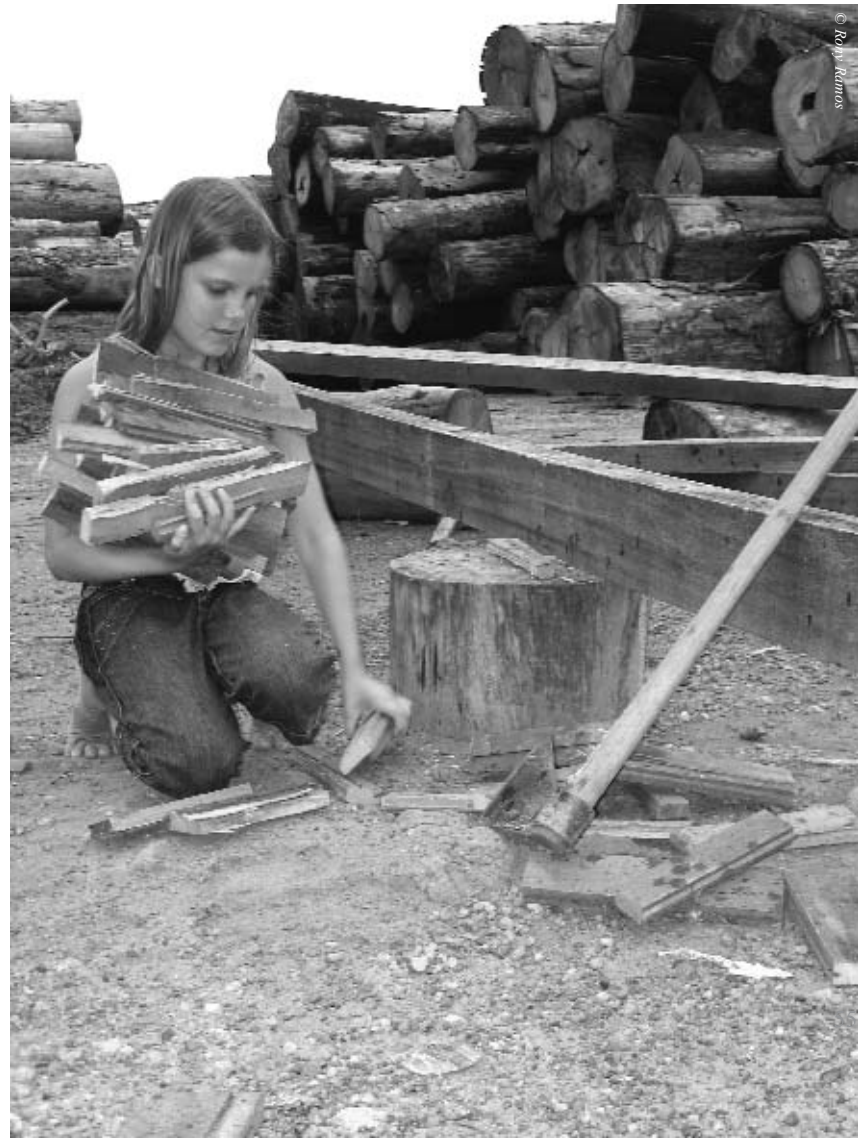
visíveis. A farmácia do fiado não tem o remédio necessário e muito menos o hospital da cidade. Amanhã, ela deve tomar a injeção que está chegando e voltar à rotina. “Parada dá é prejuízo. Os dias são descontados.” Ela não tem carteira assinada e tem medo de pedir ao patrão que pague seus remédios. Nenê é Maria da Conceição Nepomuceno. Uma brasileira que ganha um salário mínimo por mês, dobrado com as horas extras e o R\$ 1 que ganha por tora descascada às custas de muito sacrifício. “Pra aprender a viver aqui foi muito sofrimento. O jeito de vida é muito diferente. Eu morro de vontade de voltar para o Sul. Eu nunca esqueci de lá. Aqui eu vejo e faço coisas que nunca imaginei na minha vida.”

Estima-se que pelo menos 5% da população economicamente ativa da Amazônia Legal trabalhe direta ou indiretamente com a atividade madeireira. Em 2004 eram 344 mil empregos diretos em 82 pólos madeireiros compostos por 3.132 empresas, sendo 80% delas serrarias. Mesmo que a

maior parte das indústrias madeireiras empregue dentro da legislação trabalhista, muitas ainda não oferecem carteira assinada, salários compatíveis com a função e muito menos condições seguras de trabalho aos seus funcionários. Como no caso de Márcia Brandão Marques, operária da indústria de beneficiamento da madeira.

A cada 20 segundos sai mais um cabo de vassoura. As mãos ágeis apanham o bastão que prontamente é empilhado numa bancada. A conversa tem de ser praticamente gritada para ser entendida no ambiente dominado pelo som agudo e estridente da máquina que torna os cabos. Márcia, de 31 anos, a exemplo de muitas mulheres, também depende da renda gerada pela indústria madeireira. Ela trabalha nove horas por dia e não usa equipamentos de segurança como luvas, óculos ou proteção no ouvido. Não bastasse isso, já está há quatro meses na função recebendo um salário mínimo sem ter a carteira assinada.

*Diéssica corta e carrega lenha na serraria*





*Márcia na produção de cabos de vassoura, num ambiente ensurdecedor*

Mesmo assim, não se mostra muito preocupada com a situação irregular. A única reclamação é o barulho. “Quando chego em casa ainda estou com o zunido no ouvido”, conta a operária, que diz nunca ter pedido ao patrão os assessorios de segurança.

Por outro lado, segurança é uma das palavras de ordem da engenheira florestal Antônia Adriana Ramos Simões Félix. Tão grande quanto o nome precisa ser a firmeza das ordens de Adriana perante a equipe de mais de dez toreiros comandada por ela. Os homens com vasta experiência na derrubada das árvores na floresta se vêm obrigados a acatar as recomendações da chefe. “Quando eles vêm que estou chegando, todos colocam os capacetes”, brinca a paraibana, que venceu na vida graças ao estudo e ao amor pela profissão.

Quem vê Adriana no conforto do ar condicionado do escritório de trabalho, penteada e maquiada, quase não consegue visualizá-la em plena floresta amazônica dando ordens a uma turma de barbados. Mas a ida à mata não é só para inspecionar os trabalhos dos serradores. Antes do corte, ela visita a área para o estudo e o projeto do plano de manejo florestal, exigência legal para a derrubada das árvores. “O Ibama inspeciona as áreas de

corte. A observância das regras garante pontos que qualificam nosso trabalho”, explica a engenheira. Por essas e por outras, ela mostra pulso firme no comando dos toreiros. “Eu sei que eles odeiam quando eu cobro os equipamentos de segurança.”

Os toreiros podem ficar semanas acampados na floresta para o corte das árvores. Os acampamentos são improvisados com lonas, sob as quais ficam as redes para o sono velado por mosquitos transmissores de doenças e animais peçonhentos e ferozes. Há muitas histórias de mortes provocadas por imensos galhos de árvores que caem sobre peões, esmagando-os e enterando parte de seus corpos no solo da floresta, como aconteceu com o marido de Custódia Siqueira Frank há pouco mais de 12 anos.

“O sonho dele era ter três filhos – duas meninas e um menino. E não é que acertou direitinho?”, lembra Custódia, que se casou novamente com Idevaldo dos Santos. A família acabou de mudar de cidade e de serraria para mais um reinício no setor do qual tira o sustento. Ele trabalha há 28 anos como marceneiro. Separado da primeira esposa, tem um filho e um neto. Vive com Custódia há oito anos. “O madeireiro é igual ao garimpeiro, muda a toda hora. Ele vive dos recur-

sos naturais. Quando acaba, procura onde tem. E nós vamos junto”, observa Idevaldo. O casal é responsável, na serraria, pela fabricação de forros, assoalhos e portas, bem como pela contratação de mão-de-obra. Ganham em média R\$ 6 mil mensais, dependendo da produção.

A filha mais velha, Jesevane, de 16 anos, quer ser juíza. Audione, de 14 anos, não sabe o que quer estudar, mas já ajuda o padraço na marcenaria. A caçula Diéssica, de 13 anos, diz não ser ela a caçula, “mas sim o Tônico”, o cachorro pequenês xodó da mãe. A mãe, aliás, sonha em ver a filha formada em Veterinária. “O sonho da minha mãe é ter uma fazenda para eu cuidar dos bichos dela”, justifica a menina, que admite amar principalmente os cachorros.

O conforto faz parte da casa simples, oferecida gratuitamente pelo dono da madeireira. A família vive bem. Os filhos têm aparelhos eletrônicos e computador e o quarto do casal é equipado com TV de 29 polegadas e condicionador de ar. Na garagem, um carro esporte e uma moto. “A nossa maior preocupação no momento é trabalhar e oferecer estudo de qualidade às crianças”, afirma Custódia, que não quer o setor madeireiro como futuro para os filhos. ■